

PSICANÁLISE E FENÔMENO RELIGIOSO: CONSTRUINDO PONTES PARA UM DIÁLOGO

PSYCHOANALYSIS AND RELIGIOUS: PHENOMENON BUILDING BRIDGES TO DIALOGUE

*Josenildo José Silva**

*Sérgio Sezino Douets Vasconcelos***

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a Psicanálise em sua relação histórica, no passado e no momento atual, com o fenômeno religioso. Diante da importância que estas duas áreas representam para o sujeito contemporâneo, encontrado numa condição de fragmentação interna e externa por se perceber imerso num mundo em situação de constantes e profundas transformações, buscaremos indicar possíveis caminhos que favoreçam o intercâmbio de ideias, possibilitando, desta forma uma contribuição ao ser humano na construção de sua subjetividade.

Palavras chaves: Subjetividade. Psicanálise. Religião. Diálogo.

ABSTRACT

This article aims to analyze psychoanalysis in its historical relationship, past and present, with the religious phenomenon. Given the importance that these two areas account for the contemporary subject, found a condition of internal and external fragmentation by itself perceiving immersed in a world of constant situation and profound changes, we will seek to

* Doutor em Psicologia, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), com formação em Psicologia Clínica pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9997243030224613>. E-mail: josenildo71@hotmail.com.

** Doutor em Teologia. Professor do Programa de Doutorado e Mestrado em Ciências da Religião e do Programa de Mestrado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4339279132579440>. E-mail: douets@unicap.br.

indicate possible ways to encourage the exchange of ideas, allowing in this way a contribution to the human being in the construction of their subjectivity.

Keywords: Freud. Psychoanalysis. Religion. Dialogue.

INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso, sem dúvida alguma, pode ser considerado um dos elementos mais complexos da investigação científica. Isso acontece porque na área da fenomenologia humana ele se manifesta simultaneamente como sendo pertencente a diversos campos, quais sejam, experiencial, filosófico, teológico, antropológico, sociológico e psicológico, entre outros. Por isso, podemos afirmar que ele se apresenta, dada a sua complexidade, como sendo algo de importância fundamental para a compreensão do ser humano. É, portanto, um elemento que confere ao homem um significado marcante e decisivo na construção de sua subjetividade. Segundo Dalgalarondo

Há um consenso entre cientistas sociais, filósofos e psicólogos sociais de que a religião é uma importante instância de significação e ordenação da vida, de seus reveses e sofrimentos. [...] Como é elemento constitutivo da subjetividade e doador de significado ao sofrimento, defendo que ela deva ser considerada um objeto privilegiado na interlocução com a saúde e os transtornos mentais (2008, p. 16).

Destaca-se, partindo da afirmação acima reproduzida, alguns aspectos de estimada importância para o estudo da religião enquanto fenômeno antropológico. Ela é portadora e, ao mesmo tempo, doadora de sentido para a existência humana, de modo especial naqueles momentos que se apresentam como verdadeiramente determinantes, nos quais toda a solidez parece se diluir e toda referência é vislumbrada na sua mais completa fragilidade. Quando as respostas não parecem oferecer nenhuma segurança, o elemento religioso surge como algo a que se “amparar”, desafiando toda e qualquer experiência de desamparo, ainda que seja mesmo aquele desamparo que denominamos “original”.

Devido a sua importância e pertinência na vida do ser humano, o fenômeno religioso também foi objeto de estudo da área psicanalítica. Embora, frequentemente, seja difundida a concepção de total ruptura e antagonismo entre estes dois campos de



estudo, podemos identificar a possibilidade de se estabelecer um diálogo fecundo entre os mesmos que favoreça um aprofundamento da compreensão do homem nas suas mais variadas dimensões.

No presente estudo, portanto, temos como objetivo principal identificar as possíveis ligações entre a Psicanálise e o Fenômeno Religioso, contribuindo, desta maneira, para que se abra um espaço de intercâmbio das experiências das duas áreas e para que se possa descobrir os elementos comuns presentes entre elas. Para tanto, seguiremos a seguinte metodologia.

Primeiramente trataremos sobre o contexto em que surgiu a psicanálise (base epistemológica, situação social, pensador principal), procurando situá-la historicamente e socialmente.

Seguiremos a nossa análise nos debruçando sobre os pressupostos da psicanálise em sua relação com o fenômeno religioso, procurando entender as causas de sua rejeição e preconceitos no campo analítico.

Finalmente, em nível de considerações finais, indicaremos os pontos de encontro entre a Psicanálise e o Fenômeno Religioso, buscando contribuir com a nossa reflexão para a construção de um diálogo e de um cenário transdisciplinar que contribuam de modo eficaz e qualitativo na compreensão da subjetividade humana.

1 A PSICANÁLISE

O que é a Psicanálise? Esta é a primeira pergunta que devemos nos fazer. E é nos escritos do homem, considerado o seu fundador (o próprio Sigmund Freud escreveu, em 1927, que “não se pode negar que a psicanálise é criação minha”), que encontramos a sua definição: Em 1922, em “Dois Verbetes de Enciclopédia”, Freud afirmou que

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, de (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (1996, p. 253).



Laplanche e Pontalis (1998), por sua vez, fazem distinguir deste conceito freudiano três campos de atuação para a nova disciplina psicanalítica, quais sejam, o de se apresentar como um caminho investigativo pelo qual se pode evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações e das produções imaginárias de um sujeito; um método psicoterápico que busca interpretar a resistência, a transferência e o desejo desse mesmo sujeito em análise e, finalmente, um conjunto de teorias psicológicas e psicopatológicas nas quais podem ser encontrados os resultados produzidos tanto pela investigação quanto pelo tratamento em si (cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 1998, p. 384-385).

Ao lado da psicanálise, podemos inferir que foram poucas as verdadeiras contribuições oferecidas à cultura e ao âmbito do conhecimento, que influenciaram de forma significativa o pensamento contemporâneo. Como já mencionado acima, a teoria psicanalítica foi idealizada e forjada por Sigmund Freud, médico da cidade de Viena, que através das construções de seu pensamento conseguiu influir não somente nos meios ditos acadêmicos e científicos sistematizados, mas também nas instâncias do senso comum.

Freud se revelou como um mestre que praticamente conseguiu explicar a maioria dos questionamentos que as pessoas se faziam e se fazem, sobretudo quando estes se referem ao campo da sexualidade ou das “anomalias” psíquicas. Diante de uma dúvida ou de um comportamento não compreendido em seu primeiro momento ou rotulado como estranho, extravagante e fora do normal é muito comum escutarmos de alguém a famosa frase “Freud explica”.

1. 1 Contexto histórico do surgimento da psicanálise

Antes de qualquer coisa é preciso que tenhamos em mente que a psicanálise possui como característica marcante uma multiplicidade de abordagens impossibilitando, desta forma, que se estabeleça uma visão unívoca e sintética do que ela encerra em si mesma. O que nos impele à confecção de recortes para a construção de uma abordagem de forma mais geral. Esta sua característica se dá, sobretudo, devido à dinâmica interna que a constitui e que se apresenta como um de seus elementos principais, ou seja, a teoria psicanalítica se constrói pelas confirmações e novas



descobertas que se manifestam de modo constante no ambiente de aplicação da sua técnica clínica.

Verifica-se, pois, a passagem da psicanálise por várias mudanças, cujos motivos principais são, não somente pelas questões de índole interna – como já mencionado anteriormente –, mas também por sua dimensão de abertura às demandas do mundo circundante, às quais sempre permaneceu aberta. Ainda assim, no entanto, é possível identificar alguns elementos que lhe estão presentes desde o início de sua caminhada histórica, seja em forma de gérmen ou já de maneira mais desenvolvida.

Não se pode falar da psicanálise sem mencionar a pessoa de Sigmund Freud, seu fundador. Pode-se mesmo afirmar que a história de Freud se confunde com o forjamento da teoria psicanalítica à qual se dedicou desde o início da sua vida acadêmica. Portanto, falar dos inícios da Psicanálise nos leva necessariamente a mencionar o contexto histórico e social da Áustria do final do século XIX e início do século XX, no qual viveu Freud.

Sigmund Freud nasceu em Freiberg, na Morávia. O seu pai – Jakob Freud – era um comerciante, dedicado ao negócio da venda de lã. Freud é filho do segundo casamento de Jakob, contraído quando ele já estava com quarenta anos. Quando Freud nasceu, Jakob já era avô e, portanto, Freud já adentrou o mundo na condição de tio. De acordo com Jones (1979), um dos seus principais biógrafos, este foi “um dos muitos paradoxos com que sua jovem mente teve que lutar” (1989, p. 16). Aos três anos, migrou com toda a sua família para a cidade de Viena, onde de acordo com o pensamento de seu pai poderiam ser encontradas melhores condições de vida para os filhos e para o seu comércio.¹

O contexto cultural da cidade de Viena, na qual Freud se estabeleceu com a família, após a sua migração da região da Morávia, era bem diferente da Freiberg da sua primeira infância. O próprio Freud se referirá a este momento como não muito

¹ De acordo com um dos seus biógrafos “Mesmo que as coisas não tivessem sido assim, os meios educacionais em uma pequena e remota cidade em decadência não davam muitas esperanças de realização para a predição de uma camponesa a respeito da futura grandeza do jovem Sigmund. Jakob tinha razões para achar que em Freiberg não havia futuro para ele e para os seus.” (JONES, 1989, p. 25).



agradável: “Foram tempos difíceis e que não valia a pena lembrar” (cf. JONES, 1989, p. 29). O quadro social, no qual ele se encontrava imerso, era marcadamente negativista (segunda metade do século XIX). Verifica-se um ambiente decadente do ponto de vista político: crise do império e deflagração da Primeira Grande Guerra. O clima vivido é de desapontamento, de incertezas e de falta de esperança quanto ao futuro. Ao mesmo tempo, verifica-se nas pessoas um premente desejo de transformação e de mudanças. Alguns identificavam a religião como um caminho de apaziguamento interior frente às ameaças externas; outros buscavam resposta na arte e havia, ainda, aqueles que procuravam encontrar soluções para as dúvidas cruciais da existência no saber científico.

A Viena em que Freud habitou e na qual passou boa parte de sua vida foi uma cidade que assumiu, de várias maneiras, um papel de centralidade da vida política e cultural da Áustria e, mais ainda, da Europa Central. Foi um espaço onde se desenvolveu as grandes disputas que desembocaram no fim do Sacro Império Romano-Germânico e o nascimento de outro Império, de configurações multinacionais, formado por diversos grupos etnolinguísticos (alemães, húngaros, poloneses, tchecos, croatas...) integrados por meio de uma dinastia reinante, denominada “Estado dos Habsburgo”. Viena é a sede deste Império e, por isso, exerce uma influência política sobre os diversos povos que juntos formam a “Confederação Germânica” (cf. MEZAN, 1986).

O lugar político que Viena ocupou proporcionou também o desenvolvimento do seu estilo cultural avançado. É a cidade do florescimento da arte: do teatro, da música e da ópera que “não tardaram a transpor o círculo estreito do público da corte e a atingir círculos cada vez mais distantes da aristocracia” (MEZAN, 1986, p. 25). Identifica-se, portanto, uma tradição cultural arraigada e traduzida mesmo como um movimento que vai se estabelecendo ao lado da vida política, hora como conivente e confirmadora da situação vigente, mas também como espaço onde se faz presente a crítica social (através das sátiras e das comédias), ainda que dentro dos limites consentidos pela censura.

Mas o que isso tem haver com o surgimento da Psicanálise? Diria que tudo! O clima cultural que vem se desenvolvendo desde antes da chegada de Freud em Viena, atinge pontos culminantes nos finais de século XIX e início do século XX,



proporcionando desta maneira uma efervescência, sobretudo nos ambientes acadêmicos e àqueles ligados à arte. Personalidades como Anton Brückner, Franz Brentano, Gustav Mahler, Wittgenstein, entre tantos outros, faziam parte do círculo cultural hodierno e revelavam um nível de conhecimento que ultrapassava os limites restritos de suas áreas específicas.

Como, então, não identificar na obra de Freud, na sua criação, a Psicanálise, um resultado deste mesmo movimento? Afirma Mezan que “A inovação técnica que assinala o advento da psicanálise – a livre associação – a coloca diretamente no âmago da questão da linguagem, pois consiste precisamente no levantamento das convenções do diálogo e na incitação a infringir as regras do raciocínio” (1989, p. 60-61). Embora, portanto, não possamos colocar Sigmund Freud no mesmo círculo dos tantos nomes mencionados anteriormente, devido a uma certa apatia e indiferença do próprio Freud, não podemos deixar de identificar profundos ligames entre a sua busca científica em construir uma nova ciência psicológica e o movimento que se desenvolvia ao seu redor.

De acordo com Bettelheim (1991), “não foi por acaso que a psicanálise nasceu em Viena e ali atingiu a maturidade”. Havia em Viena, no tempo de Freud, um clima cultural que propiciava a busca por uma maior compreensão daquilo que se referia ao elemento da sexualidade e também um certo fascínio pelo conhecimento dos fatores que causavam as doenças mentais. Portanto, podemos afirmar que não foi unicamente Sigmund Freud que provocou mudanças na visão sobre a sexualidade e sobre as perversões encontradas no seu campo.

Sigmund Freud, portanto, encontrou-se imerso numa sociedade vienense que lhe favoreceu o desenvolvimento da teoria investigativa, a Psicanálise. O clima ao seu redor era o da busca do conhecimento sobre todas as coisas para que se pudesse encontrar pela razão um sentido, um significado. As ideias iluministas estavam marcadamente presentes e ajudavam a oferecer um suporte para o estabelecimento de uma ciência cada vez mais distante e independente da tutela e censura de qualquer instituição que fosse.



Neste ponto é que podemos buscar compreender a relação de Freud com a realidade do Fenômeno Religioso. Faz-se necessário, antes de tudo, esclarecer que a busca de Freud em conhecer o campo da religião não revela de sua parte, em nenhum momento, uma adesão aos dogmas presentes nas instituições religiosas presentes no ambiente em que vivia. O seu desejo de entender estava em concordância com a sua estrutura interior de alcançar uma compreensão cada vez maior da pessoa humana.

Sigmund Freud não é conhecido somente por ser o fundador da Psicanálise, mas também por sua postura frente ao fenômeno religioso, que ele considerava como uma “neurose obsessiva da humanidade”, ou ainda, como uma ilusão enganadora do ser humano. Esta sua atitude é o que o faz figurar entre os principais pensadores, denominados mestres da suspeita² que contribuíram para o que veio a ser chamado decreto da morte de Deus e, conseqüentemente, declínio e fim da religião.

No entanto, verifica-se algo em seus escritos, que num primeiro momento aparenta uma profunda contradição, isto é, o seu grande interesse pelo fenômeno religioso. Por que alguém que se apresenta como um descrente e ateu convicto manifesta tanto interesse por algo a que não concede nenhum crédito? Na verdade, Freud mantém, em toda a sua existência, um vivo interesse por tudo o que se refere à dimensão antropológica.

Ernest Jones, um dos seus principais biógrafos, escreve, a respeito de Freud que “ele tinha uma verdadeira paixão por compreender [...] Sua inteligência recebeu uma tarefa da qual ele nunca se esquivou [...]” (1989, vol. 1, p. 27). Sem dúvida alguma, Freud identificou na religião uma possibilidade a mais de entender o ser humano, ainda que não compartilhasse de nenhuma fé, como ele mesmo deixou claro em vários dos seus escritos.

É a atitude do pesquisador, do cientista que, para além de suas concepções pessoais, o faz não se esquivar e se debruçar sobre qualquer aspecto que lhe venha proporcionar um maior conhecimento do objeto principal de seus estudos, ou seja, a

² Cf. RICOEUR, P. A psicanálise e o movimento da cultura contemporânea. In: **O conflito das interpretações. Ensaios de hermenêutica**. 1969, p. 148.



realidade humana, em sua dimensão psíquica. O elemento religioso, portanto, estava entre aqueles fatores presentes quando se tratava do conhecimento das “origens” do mundo, do ser humano e, por isso, despertou o interesse de Freud desde os seus primeiros escritos³.

2 A PSICANÁLISE EM RELAÇÃO COM O FENÔMENO RELIGIOSO

Tanto a religião como a psicanálise, como alternativas de conhecimento do ser humano e instrumentos que favorecem uma melhor qualidade de vida ao sujeito, podem ser situadas como realidades presentes entre as principais demandas do ser humano em toda a sua história e, em modo bastante notório, na situação atual.

Em tempos anteriores a religião se impunha com uma força ainda maior e intensa, pois foi ela que forneceu a base do paradigma sobre o qual a cultura, tanto no Ocidente quanto no Oriente, nasceu e se desenvolveu por milênios. A religião institucionalizada era aquela instância que determinava todas as questões mais importantes da existência humana e que ditava as regras de organização da vida das pessoas. A sua estrutura de dogmas e verdades não podiam ser questionadas, mas simplesmente acolhida e assimilada ainda que não gozassem da credibilidade dos indivíduos.

Com a chegada do movimento iluminista, esta realidade começou a mudar. Este movimento, além do confronto direto que estabeleceu com o campo da organização política fundada no absolutismo monárquico entrou em intenso choque com a Igreja Católica (representante da religião institucionalizada) e o poder por ela exercido que se fundamentava em revelações que deveriam ser cridas como verdadeiras e absolutas. Esta posição da religião manifestava um forte e conflitivo contraste com a autonomia intelectual defendida pelo racionalismo iluminista.

Com a ideologia do iluminismo, o Ocidente rejeitou os pressupostos anteriores da Antiguidade e da Idade Média fazendo com que estes perdessem a sua ênfase e o

³ Começando em 1897, na sua correspondência com Fliess, na qual expõe suas descobertas sobre os mitos, passando por obras como *Atos obsessivos e práticas religiosas* (1907); *Totem e tabu* (1913); *O futuro de uma ilusão* (1927); *O mal estar na civilização* (1930); até chegar a *Moisés e o Monoteísmo* (1938), obra concluída pouco tempo antes de sua morte.



seu espaço de centralidade, uma vez que na nova era da modernidade, que se estava iniciando, a subjetividade e a razão crítica eram os determinantes principais da vida, uma vez que representavam a emancipação frente a todas as normas e regras que haviam mantido o sujeito preso a visões e estruturas que o impediam de se desenvolver em suas capacidades.

Entende-se, portanto, a posição inicial da teoria psicanalítica, imbuída que estava do ideais iluministas do seu tempo e da urgência que tinha de se impor como uma ciência positiva e independente no campo acadêmico. Sigmund Freud, em coerência com a sua posição de cientista “Alfklärer” (herdeiro do iluminismo), procura se desvencilhar de todo pensamento que apresente um parentesco com a teoria metafísica, isto é, ele se revela peremptoriamente contrário a todo modo de pensar que se manifesta como uma visão de mundo – *Weltanschauung* – onde tudo possui uma resposta decisiva, cabal e definitiva⁴. Porém, em Freud persiste também aquela posição da inquietude que é própria a todo pesquisador sério, ou seja, ele sempre está buscando, refazendo, investigando e reelaborando suas afirmações, numa atitude de permanente suspeita de tudo que possa se apresentar como verdade previamente definitiva e absoluta, que não permita nenhum questionamento e, conseqüentemente, nenhuma mudança.

Sigmund Freud é filho de sua época e, portanto, sofreu as influências do modo de pensar de então. Suas posições no campo da ciência não divergem daquelas presentes nos grandes pensadores de seu tempo. Por isso, encontramos nas suas argumentações teóricas elementos que eram próprios às reflexões científicas da época.

O jovem médico de Viena possuía uma insaciável sede de compreensão da vida humana. As suas explorações o fizeram participar de várias conferências e seminários do filósofo Franz Brentano. Brentano era um estudioso de Aristóteles e da psicologia

⁴Na Conferência *A questão de uma Weltanschauung*, Freud questionou: “a psicanálise conduz a uma determinada *Weltanschauung*, em caso afirmativo, a qual?” E definiu o conceito: “Em minha opinião, a *Weltanschauung* uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo.” E concluiu que: “Na qualidade de ciência especializada, ramo da psicologia – psicologia profunda, ou psicologia do inconsciente –, ela é praticamente incapaz de construir por si mesma uma *Weltanschauung*: tem de aceitar uma *Weltanschauung* científica.” (FREUD, 1996, p. 155).



empírica. Criava em torno de si um ambiente intelectual caloroso, atraente e revigorante. O que, com certeza, atraiu o gênio de Freud. Porém, mesmo que tenha marcado Freud com o seu modo de pensar e de apresentar as suas teorias, Brentano não foi capaz de mudar a posição do mesmo em relação à filosofia e muito menos, a sua posição frente à religião.

Referente ao fenômeno religioso é bem evidente em alguns dos seus escritos a semelhança de seus pensamentos com o dos filósofos que lhe eram contemporâneos, tais como Feuerbach, Shopenhauer, Nietzsche, entre outros, que chegam mesmo a ser mencionados em algumas de suas obras.

Peter Gay (1989, p.43), também conhecido como um dos principais biógrafos do pai da psicanálise, destaca a figura de Feuerbach, como sendo uma das mais queridas pelo mestre de Viena: “É significativo, porém, que o pensador que leu com maior proveito tenha sido Ludwig Feuerbach. ‘Entre todos os filósofos’, informou a Silberstein em 1875, ‘é este homem que mais venero e admiro’”.

Para Feuerbach (2004), o homem projeta em Deus os seus desejos mais profundos e abdica de lutar por eles porque espera recebê-los gratuitamente do ente divino. A consciência de Deus e o seu conhecimento é a consciência e o conhecimento que o homem tem de si mesmo. A religião, portanto, não é mais que uma revelação solene das preciosidades ocultas no coração do homem.

Ainda, segundo Feuerbach (2007), “a religião é a essência infantil da humanidade”. Como Freud, ele experimenta o fenômeno religioso como uma etapa da vida do ser humano que, posteriormente, deverá ser descartada e superada, uma vez que revelar-se-á como resposta vazia e estéril aos ideais e sonhos dos seres humanos. Verifica-se, portanto, uma aproximação ideológica dos dois autores no seu pensamento sobre o fenômeno religioso, reduzido, pois, a uma pura ilusão humana. Ilusão esta, que por Feuerbach julgar como absolutamente perniciosa, deveria ser eliminada da vida dos homens. Esta também não foi a conclusão de Freud sobre a religião?

Não existe dúvida, então, quanto à adesão de Freud ao espírito iluminista presente em seu contexto histórico-cultural. O clima de busca de conhecimento, de vontade de tudo experimentar, de mensurar as coisas e os fenômenos lhe estão bem arraigados.



Freud abraça o projeto da Aufklärung, sempre procurando identificar uma argumentação, uma explicação científica para todas as coisas e, concomitantemente, abrindo-se a novos e fecundos conhecimentos. Ao se deparar com o fenômeno religioso ele não tem outra atitude senão a de um pesquisador, submetendo-a aos procedimentos da ciência positivista e não admitindo que o mesmo se ponha acima de uma postura racional e não se submeta às exigências impostas pelo saber científico.

Diante do que foi exposto acima, não deve causar admiração que Freud, pensador do seu tempo e assimilador inflexível da cultura iluminista, tenha tomado uma atitude de rejeição frente ao que era proposta pelo fenômeno religioso e imposto à sua teoria esta marca de repúdio. Ao mesmo tempo, podemos constatar a sua seriedade em, apesar de não concordar com a visão de mundo e de homem proposta pela religião, interessar-se por sua temática procurando compreendê-la em seus mínimos detalhes. O interesse de Freud pela religião manifesta o seu caráter singular de autêntico pesquisador de tudo o que se refere ao ser humano e a sua história. Por isso, podemos encontrar referências ao fenômeno religioso desde os seus primeiros escritos (na correspondência que mantém com Wilhelm Fliess de 1858-1928) até um dos seus derradeiros livros, Moisés e o Monoteísmo, ao qual dedicou os últimos cinco anos de sua vida.

Em muitas ocasiões Freud faz questão de se apresentar como um “ateu convicto”. Escrevendo a Pfister, um pastor, com quem mantém uma longa comunicação, declara-se “um judeu completamente ateu” (FREUD; MENG, 2009, p. 84) e em correspondência ao amigo Sandor Ferenczi, ao relatar a experiência vivenciada pela morte de sua filha Sophie, em 1920, escreve: “Como ateu inveterado, não tenho a quem acusar, e me dou conta que não há lugar onde eu possa apresentar as minhas queixas” (apud MORANO, 2008, p. 45). Ainda assim, muitos estudiosos ao falar da relação da psicanálise e de seu fundador com a religião evidenciam uma impressão de sentimento paradoxal. A esse respeito, Mijolla-Mellor afirma que existe em Freud um “prodigioso interesse” pelo fenômeno religioso, “cuja potência e importância ele reconhecia” (2004, p.269). Mais adiante a mesma autora escreve:



Partir da hipótese de que a recorrência da preocupação sobre o fato religioso em Freud se devia claramente ao fato de que a análise teórica, endossada pela antropologia e pela história, não lhe parecia suficiente, obrigando-o a continuar sempre buscando, o que ele só deixará de fazer com o texto sobre Moisés e sua morte (MIJOLLA-MELLOR, 2004, p. 270).

Muitos outros elementos, além da influência da ideologia iluminista, poderiam ser indicados aqui como motivações para a rejeição desenvolvida e alimentada por Sigmund Freud frente ao tema do fenômeno religioso. Destacamos, por exemplo, a experiência negativa de Freud com o cristianismo. O episódio traumatizante do pai, forçado a sair da calçada por ser judeu e humilhado por um cristão. Essa história, contada a Freud pelo próprio pai lhe marcou profundamente e, aqui e acolá, retorna nos seus escritos. Também podemos apontar como possível elemento negativo da relação entre a psicanálise e a religião, a relação de dependência vivida com a Igreja Católica que, ao mesmo tempo servia de proteção, mas era vista por Freud como um instrumento que lhe inibia o poder de expressão. A esse respeito afirma Freud,

[...] é precisamente a instituição da Igreja Católica que ergue uma defesa poderosa contra a disseminação desse perigo à civilização - a Igreja que até constituía o incansável inimigo da liberdade de pensamento e dos progressos no sentido da descoberta da verdade! Estamos vivendo aqui, num país católico, sob a proteção dessa Igreja, incertos quanto ao tempo que essa proteção resistirá. Mas, enquanto durar, naturalmente hesitamos em fazer algo que estaria sujeito a despertar a hostilidade da Igreja. Não se trata de covardia, mas de prudência. O novo inimigo, que desejamos evitar servir, é mais perigoso do que o antigo, com quem já havíamos aprendido a entrar em acordo. (1996, p. 68)

O que podemos inferir, então, desta conflitiva relação da psicanálise, aqui representada pelo seu fundador Sigmund Freud, e o fenômeno religioso é que muita coisa ainda precisa ser aprofundada. Não se pode negar a postura de Freud como um homem “descrente”, ateu. Porém, também não se pode deixar de lado que este tema sempre esteve presente na construção de sua teoria desde os seus inícios até os seus últimos textos metapsicológicos. Eis, pois, um claro sinal da importância que tal temática ocupou ao longo de sua pesquisa acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sigmund Freud, manteve ao longo de sua vida, uma atitude de profunda seriedade no campo da pesquisa acadêmica. Imbuído do espírito da sua época, fortemente influenciada pelo espírito do movimento iluminista, constrói um discurso que podemos denominar de cientificista. Esta sua atitude é coerente com o projeto que se propõe alcançar, isto é, o de conferir à psicologia um caráter de ciência positiva válida e reconhecida pelos seus pares de outras áreas de conhecimento. Muitas vezes empresta da fisiologia, da química a linguagem para explicar fenômenos tipicamente psicológicos. A partir desses pressupostos é que Freud elabora uma concepção por demais negativista referente ao fenômeno religioso. Critica a sua visão de mundo (Weltanschauung) que se propõe como resposta a todos os questionamentos feitos sem, porém, se colocar como também questionável em seus dogmas. Considera a religião como sendo uma “séria inimiga” que precisa ser eliminada e superada por uma visão amadurecida da realidade, visão esta que somente poderá ser conquistada através da adesão à ciência e ao deus “logos”.

No entanto, também é verdade que podemos identificar em Freud uma outra postura frente ao conhecimento. Paul Ricoeur (1969), denominou esta atitude como a de um “Mestre da Suspeita”, o qual tem como objetivo desmascarar, desconfiando de tudo, toda e qualquer afirmação que se ponha como obstáculo na busca de se alcançar a verdade do conhecimento humano. Freud se apresenta como alguém que está sempre a caminho. Por isso, é que verificamos na sua postura de pesquisador avanços e recuos como elementos fundamentais de sua metodologia de estudo. Não há, em psicanálise, um fechamento sobre uma determinada afirmação, mas uma atitude de abertura à dinamicidade própria ao conhecimento. É neste sentido que interpretamos a afirmação do próprio Freud quando detalha alguns elementos da história do movimento psicanalítico:

Com este esboço incompleto tentei dar uma ideia da riqueza ainda incalculável de conexões que surgiram entre a psicanálise médica e outros campos da ciência. Existe aí material de trabalho para uma geração de pesquisadores, e não duvido de que ele será realizado tão logo as resistências contra a psicanálise sejam superadas em seu campo de origem (1996, p. 47).



No seu texto, Teoria Geral das Neuroses, Freud escreveu que “toda descoberta é feita mais de uma vez, e nenhuma se faz de uma só vez” (1996, p. 265). Estas afirmações somente corroboram o que nós estamos a indicar deste o início do nosso estudo: na psicanálise não há verdades absolutas, determinadas e categorizadas uma vez para sempre. Até mesmo aquelas descobertas feitas pelo próprio Freud podem ser objeto de discussão e de aprofundamento pelos seus posteriores seguidores. E isso se refere a qualquer tema, qualquer assunto, também a temática do fenômeno religioso.

Na sua correspondência com Oscar Pfister, Freud escreve que “Na ciência, primeiro é preciso decompor, depois reunir. [...] Na técnica psicanalítica não há necessidade de um trabalho especial de síntese; isto o indivíduo autonomamente providencia melhor que nós” (2009, p. 83). Isso significa dizer que mesmo aquilo que foi escrito pelo fundador da psicanálise pode ser revisto, pois muito ainda se tem a descobrir, a dizer, a sintetizar que não foi dito e descoberto por ele, dadas as circunstâncias, nas quais estava imerso, ou ainda que, mesmo tendo sido escrito e afirmado, possam receber uma interpretação diferente de acordo com os novos dados que nos chegam pelos aprofundamentos obtidos no mundo atual.

Sigmund Freud previu o fim do fenômeno religioso, pois dizia ele que

O espírito científico provoca uma atitude específica para com os assuntos do mundo; perante os assuntos religiosos, ele se detém um instante, hesita, e, finalmente, cruza-lhes também o limiar. Nesse processo, não há interrupção; quanto maior é o número de homens a quem os tesouros do conhecimento se tornam acessíveis, mais difundido é o afastamento da crença religiosa, a princípio somente de seus ornamentos obsoletos e objetáveis, mas, depois, também de seus postulados fundamentais (1996, p. 47).

E mais adiante quando se referiu aos homens que não sofrem da neurose obsessiva religiosa, escreveu:

Os que não padecem da neurose talvez não precisem de intoxicante para amortecê-la. Encontrar-se-ão, é verdade, numa situação difícil. Terão de admitir para si mesmos toda a extensão de seu desamparo e insignificância na maquinaria do universo; não podem mais ser o centro da criação, o objeto de terno cuidado por parte de uma Providência beneficente. Estarão na mesma posição de uma criança que abandonou a casa paterna, onde se achava tão bem instalada e tão confortável. Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer



crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a ‘vida hostil’. Podemos chamar isso de ‘*educação para a realidade*’. Precisaréi confessar-lhe que o único propósito de meu livro é indicar a necessidade desse passo à frente? (1996, p. 57).

O “passo à frente” mencionado por Freud representava no seu pensamento o final da religião. Com o advento da ciência, a razão passaria a ocupar o lugar central no mundo. Não haveria mais espaço para as “superstições” causadoras do infantilismo e das neuroses obsessivas do ser humano. O fenômeno religioso, finalmente, encontrou o seu ocaso. Esta era a grande profecia compartilhada por Freud e muitos pensadores de seu tempo.

No entanto, não foi o que aconteceu. Pelo contrário! O fenômeno religioso ressurgiu dos escombros. Deus retornou do seu exílio ou, melhor dizendo, tivemos que trazê-lo de volta, senão estaríamos fadados à própria destruição (cf. ALVES, 1984, p. 73). E ele voltou mais forte do que antes, com uma força tão avassaladora, que desembocou em inúmeras formas de fanatismos e fundamentalismos.

Diante de nós encontramos um mundo em um processo inquestionável de transformações profundas em praticamente todos os âmbitos. Ao longo dos últimos séculos vivenciamos uma mudança de uma sociedade fundada nos princípios da religião para uma sociedade agora norteada por elementos subjetivos, cuja manifestação mais visível é o individualismo e a busca desenfreada pela felicidade pessoal. Entramos num período marcado pela chamada “secularização”. E neste caminho de transformações a religião foi questionada e destituída de seu antigo papel de força organizadora da vida social, relegando-se à esfera da vida privada dos indivíduos.

O ser humano encontra-se “perdido” e “confuso” no meio deste movimento ininterrupto de globalização, de endeusamento do mercado, de proliferação de apetrechos tecnológicos, de anonimato e desenraizamento individuais ao lado de um declínio das instituições – família, Estado, Igreja –, que antes lhe garantiam uma identidade e uma pertença. Acrescente-se a tudo isso o fortalecimento sempre maior de uma racionalidade científica marcada pela característica de operacionalidade. É o chamado predomínio da razão instrumental.

O sujeito, então, não consegue se encontrar e se descobre imerso numa realidade do não-sentido. Angustia-se e se desestabiliza interior e exteriormente. É nesta situação que se cria o espaço propício para muitas formas alternativas de se enfrentar o “caos” gerado pelo ambiente acima descrito. Aqui também se encontra o espaço no qual se pode construir um diálogo entre as áreas da religião e da psicanálise que tanto buscam contribuir para a construção de uma subjetividade autêntica e autônoma.

Tanto a religião como a psicanálise devem se perguntar sobre o seu papel de possíveis articuladores do sentido da vida no seio da sociedade atual e, também, se estão dispostas a depor as armas que sempre utilizaram nos enfrentamentos mútuos (preconceitos, sentimentos de superioridade, desejo de supremacia), reconhecendo reciprocamente as verdades específicas a cada uma e o desejo de colaborar para uma melhor compreensão da vida humana.

Acreditamos que alguns elementos já foram postos em discussão neste sentido de edificação de pontes de diálogo entre as duas áreas. Já em Freud, nos seus últimos escritos, se percebe uma abertura ao sentido da ética e da verdade, que se pode vislumbrar na religião. Alguns outros pensadores na área psicanalítica – Jung, Winnicott, Lacan – também devem ser vistos como desbravadores destas possibilidades de encontros, para além dos des-encontros, entre a Psicanálise e o Fenômeno Religioso. É notória, também, a atitude de abertura às descobertas e contribuições da psicanálise em alguns setores da religião institucionalizada e, mais ainda, nas mais diversas formas de expressão religiosa que proliferam atualmente entre nós. Com certeza, ainda são bastante fortes e sólidas as barreiras a se contrapor à troca fecunda de experiências entre as duas áreas, porém, os sinais de diálogo já se fazem presentes e se revelam promissores de um horizonte de maior tolerância e respeito mútuo das especificidades.

Importa, pois, tanto para a Religião como para a Psicanálise, a clareza de objetivos no sentido de serem instâncias que possibilitam e favorecem ao sujeito humano o desenvolvimento de forma criativa das suas habilidades e potencialidades, superando todas as formas de individualismos e de pretensas respostas que se proponham absolutas e determinantes, quando na verdade, são causadoras de um paulatino e



contínuo aniquilamento do indivíduo na sua dimensão de ser de desejo e de desejo de ser.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papirus, 1984.

BETTELHEIM, B. **A Viena de Freud e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

DALGALARONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GODIN, André. Reflexões recentes sobre a vida espiritual cristã e psicanálise. In: **Concilium**. Petrópolis: Vozes, n. 99, 1974, p. 1182-1187.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREUD, Sigmund (1914). A História do Movimento Psicanalítico. In: **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. XIV**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1917[1916]). Conferência XXVII. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. XVI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1919). Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. XVII**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1927). O futuro de uma ilusão. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud vol. XXI**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, E. L.; MENG, H. (Orgs.) **Cartas entre Freud & Pfister [1909-1939]**. Um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã. Viçosa: Ultimato, 2009.

GAY, Peter. **Freud. Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 1.

LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MEZAN, Renato. **Freud, pensador da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MIJOLLA-MELLOR. Sophie, **A necessidade de crer**. Metapsicologia do fator religioso. São Paulo: Unimarco, 2004.

MORANO. Carlos D. **Crer depois de Freud**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.



MORANO, Carlos D. **Psicanálise e religião: um diálogo interminável.** Sigmund Freud e Oscar Pfister. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações. Ensaios de hermenêutica.** Porto-Portugal: Rés-Editora, Lda., 1969.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação. Ensaio sobre Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1977.

